

A benção escatológica num mundo às avessas.

os serviços da tarde

na Festa de São João de Sobrado

“Se quisermos ter uma bela colheita, devemos deitar-nos na nossa estrumeira na noite que precede o São João.”¹

Os Serviços da Tarde consistem numa sequência de episódios, de índole camavalesca, associados à atividade agrícola. Iniciam-se com a Cobrança dos Direitos, incluem a Sementeira e culminam numa farsa: a Dança do Cego, ou Sapateirada. Trata-se de um ritual único e notável, antes de mais, pela criatividade e pela consistência. Os princípios gerais, a macroestrutura, reiteram-se em cada uma das partes, as microestruturas (Goldmann, 1970). Esta “cristalização fractal” decorre da sedimentação e consolidação de crenças e rituais ancestrais. Os Serviços da Tarde, momento a Dança do Cego, não destoariam das festas populares que excitavam as praças e ruelas medievais. O

grotesco, acentuadamente escatológico, anima as diversas atividades, conferindo-lhes espontaneidade, irreverência e impacto. Não se observa qualquer separação entre os protagonistas e o público. Não existem palcos ou cercas passíveis de contrariar a abrangência turbulenta do convívio coletivo (Maffesoli, 1988). A interação, estimulada e desejada, é constante. Predomina a cultura cômica popular (Bakhtin, 1987 [1965]). As máscaras, omnipresentes, escondem ou revelam? Alteram. Retomando Mikhail Bakhtin, a máscara propicia o diálogo com a alteridade que coabita dentro e fora de cada pessoa. Quando a mascarada é coletiva, são as

¹ Ditado popular francês, um dos vários associados ao dia 24 de junho.



Cobrança dos Direitos

próprias comunidades que se descentram e transformam.

Os Serviços da Tarde abrem com a Cobrança dos Direitos. Ao ar livre, acompanhado por bugios e rodeado pelo público, o cobrador monta às avessas num burro. Para registar a contabilidade, finge alimentar a enorme pluma no rabo do burro. Este episódio marca toda a série. A figura do burro montado às avessas é remota. Esculturas da Antiguidade mostram Sileno² e Dionísio às arrecuas num burro (Figura 3). Estas imagens popularizam-se nas iluminuras medievais. Durante as Festas dos Loucos e a Festa do Burro, o eclesiástico eleito bispo entra na igreja montado às avessas num burro, por sinal, o animal celebrado durante a “cerimónia” (Heers, 1984). Estes casos são convergentes: o burro montado às avessas simboliza a desordem cósmica, mais precisamente, a



Dionísio montado num burro. 200 a. C. Minneapolis Institute of Fine Art

inversão do mundo, tópico maior dos Serviços da Tarde.

O burro possui uma elevada carga simbólica que o inclina mais para as profundezas do inferno do que para as alturas do paraíso. Animal do presépio, o único montado por Cristo (na fuga para o Egipto e na entrada em Jerusalém), o burro é associado à teimosia e à sexualidade exuberante. Por seu turno, o uso do rabo do burro como tinteiro indicia, para além da inversão, o rebaixamento grotesco: a pluma, literata, e, por extensão, o cobrador deixam-se contaminar pelo baixo corporal asinino. A inversão e o rebaixamento manifestam-se escatológicos (Muniz Sodré & Paiva, 2002) O baixo material e corporal, a sexualidade, os excrementos, a desordem e a poluição comportam uma potência de morte e de vida, de regeneração.

² Ver Sileno, o vinho e o burro:

<https://tendimag.com/2015/03/28/sileno-o-vinho-e-o-burro/>

À Cobrança dos Direitos, sucede a Lavra da Praça, que engloba três atividades agrícolas: semear, gradar e lavar. A representação da agricultura como ciclo de tarefas povoa os livros de salmos e de horas medievais: o Livro de Horas de D. Manuel, da primeira metade do séc. XVI constitui um bom exemplo. Mas os Serviços da Tarde acrescentam um pormenor crucial: a inversão do tempo. O camponês não só monta o burro como cavalga o calendário agrícola às avessas. Semeia antes de gradar, grada, antes de lavar; paga os direitos antes de colher. Baralha-se o tempo, baralha-se a vida. Destroem-se ordens e constroem-se desordens (Balandier, 1999 [1980]; Gonçalves, 2009).

Montado às avessas, o camponês semeia. Retira de um saco “sementes” que espalha sobre o público.

Dissemina e, simbolicamente, insemina. Fertiliza e fecunda, como se espera da festa de S. João! O “saco das sementes” continha, nos tempos do linho, baganhas esmagadas, misturadas, segundo consta, com impurezas, substituídas, hoje, por serrim, ambos desperdícios. A arruada toma ares de charivari: gaitas, gritos, obscenidades, provocações e um banho de gente. A violência espreita: o camponês, derrubado do burro, envolve-se com os bugios e com a assistência até aos limites do simulacro. A terra e a semente, o caos e a violência, o berço e o túmulo.

Os “atores” que “vestem a personagem” do camponês evidenciam arte e treino. Aqui, o camponês deixa-se cair do burro desamparado e roda pelo chão. Logo, passa por baixo da cavalgadura. São gestos de rebaixamento,

Montando um burro. Macclesfield Psalter, ca.1320-30



Lavrador a semear montado num burro



mas também habilidades teatrais de saltimbancos. A festa prepara-se, de facto, durante todo o ano, de ano para ano.

Lavrar e gradar são atividades agrícolas consecutivas. Lava-se e, de seguida, grada-se para, depois, semear. O arado que sulca a terra destaca-se como um símbolo quase universal da sexualidade (Chevalier & Gheerbant, 1994 [1969]). Agora apeado, o camponês guia a grade, ou, no episódio seguinte, a charua, puxada, uns metros à frente, por um burro ou por um cavalo. Destemperado, a frisar a doidice e a embriaguez, o camponês grada e sulca o asfalto, o granito e a terra. A condução, imprevisível, ameaça chocar com a assistência. Às vezes, acontece. Circulam e cruzam-se insultos e palavrões. A grade acaba destruída. O camponês faz questão. Não faltou pontaria para acertar numa árvore. O lavrar e o gradar convocam a sexualidade, a loucura, o caos, o movimento, a energia e a violência. O ambiente de “efervescência criativa” frisa a orgia. Catarse? Despedida cíclica? Libertação? Violência fundadora? (Durkheim, 1989 [1912]; Maffesoli, 1985; Maffesoli, 1984; Girard, 1972).

Os Serviços da Tarde operam uma inversão do tempo. Invertem o ciclo agrícola para fazer recuar a vida? As

gentes de Sobrado sabem que, para tal ambição, não há magia que valha. O que não os impede de retomar, ano após ano, o ritual. Os Bugios também sabem que vão perder a guerra com os Mourisqueiros. Mas entregam-se ao combate!

Um pouco por todo o mundo, na noite de São João, acendem-se, nas praças e nos campos, fogueiras para dar mais dia à noite. Mas ninguém se ilude: na próxima alvorada, por artes do solstício, o dia será mais curto e a noite mais longa. Há algo de trágico e de glorioso nesta luta lúcida contra o inelutável.

A Dança do Cego, ou Sapateirada, último episódio dos Serviços da Tarde, exhibe todos os pergaminhos de uma farsa. Entaladas entre os mistérios e as moralidades, as farsas medievais aliviavam os fiéis de tamanha religiosidade e sobriedade. Surgiu, assim, um género teatral breve, com poucas personagens, apostado na ação, nos adereços e no cenário, em detrimento da palavra. A linguagem é vulgar, os gestos e os objetos impróprios e a violência, uma pantomina. Propensa a equívocos e absurdos, a farsa privilegia as reviravoltas que vitimam o agressor, humilham o soberbo ou enganam o aldrabão. Menção especial merece a inversão de género: a mulher engana e domina o homem, como no

caso da *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente. Não obstante, a farsa não visa propósitos moralizadores ou edificantes. A interação com o público é apanágio da farsa. Relíquia histórica, a Dança do Cego ostenta estas propriedades. Convoca, inclusivamente, as personagens da farsa mais antiga de que há registo. Da segunda metade do séc. XIII, *Le Garçon et l'Aveugle* também inclui um cego acompanhado pelo criado (Mr. du Tillier, 1741).

A Dança do Cego é tão apreciada que, à semelhança de outros números, é representada em vários locais na zona do Passal, em Sobrado. Replicada junto à igreja, as pessoas acotovela-se à volta de uma fogueira e de um lamaçal imundo. Dezenas de metros quadrados de lama e excrementos de animais. Sentado num banco, andrajoso, o sapateiro martela o calçado, molha-o e atira-o



Dança do Cego ou Sapateirada

indiscriminadamente para o público, que o recebe como uma espécie de bênção escatológica. O sapateiro e a mulher (representada por um homem) não param de se desentender. Aproxima-se um cego com o seu moço. O cego tropeça e estatela-se de bruços no lamaçal. Furioso, o sapateiro bate-lhe com a vara. Arrepende-se. Para

Luta de paus entre o sapateiro e o moço do cego



O sapateiro e o cego na lama



verificar o estado de saúde, aproxima a cara do traseiro do cego. Respira, pelo menos por baixo! Deslocando-se de um lado para o outro, o sapateiro bate com a vara no lamaçal. Mais uns salpicos providenciais. O público aproxima-se e afasta-se; delira. Entretanto, o criado do cego rapta a mulher do sapateiro, que se vê obrigado a lutar, num jogo do pau, para a reaver.

A auscultação de sinais vitais junto ao traseiro é rara e insólita, mas não é inédita. No livro *Pantagruel*, Epistemão foi decapitado durante uma batalha épica. Panurgo coze-lhe a cabeça:

“De repente, Epistemão começou a respirar, depois a abrir os olhos, depois a bocejar, depois a espirrar, e por fim deu um grande peido da sua reserva. Disse então Panurgo: – Está, com toda a certeza, curado” (Rabelais, 2006 [1532], p.168).

A Dança do Cego é uma obra-prima, sistemática e radical, de rebaixamento escatológico. O lamaçal é uma espécie de *húmus*. “O humano é também húmus” (Maffesoli, Michel, 1998, p. 35). O cego estatela-se no lamaçal e aí permanece imobilizado. Os sapatos remetem para os pés, rasteiros e desvalorizados. O arremesso dos sapatos e os salpicos de esterco configuram um ritual misto de batismo e poluição. Tudo servido com adesão e entusiasmo públicos. Estamos perante um

rebaixamento grotesco festivo, que regenera e restaura. A solução adotada pelo sapateiro para descortinar os sinais vitais do cego representa um caso paradigmático de rebaixamento mediante aproximação dos contrários: a face nobre e o traseiro ignóbil. Graças a este mergulho na terra e no corpo, a comunidade resulta renovada e reforçada. Não se vislumbra a mínima sombra do grotesco de estranhamento sinistro e corrosivo estudado por Wolfgang Kayser (1986). Na Dança do Cego, o rebaixamento quer-se cómico, vitalista e popular, “bachtiniano”. O baixo, prenhe, é esperançoso.

Existem festas e rituais congêneres um pouco por todo o mundo. Lidamos com arquétipos (Jung, 2000) e “estruturas antropológicas do imaginário” (Durand, 1997 [1960]). Assim como, em Sobrado, o camponês brinda o público com sementes e o sapateiro com lama imunda, em Lanjarón (Granada, Espanha), durante a “Carrera del Agua”, logo a seguir à meia-noite de São João, residentes e forasteiros percorrem cerca de 1 500 metros molhando-se uns aos outros, com o que estiver à mão, sob uma “chuva” que cai das janelas, das varandas e dos telhados, enviada por quem não saiu à rua. A rega no lugar da sementeira.

O cego e o sapateiro movem-se na lama. Em Bibiclat, no norte das Filipinas, durante o São João, ao amanhecer,

os aldeões reúnem-se em silêncio num campo pantanoso, cobrem-se de lama e vestem capas feitas de folhas de bananeira. Assistem neste preparo à celebração da missa. Mais perto, nas freguesias de Romarigães (Paredes de Coura), Covas (Vila Nova de Cerveira) e São Julião (Valença) ocorre a pega ou apanha do porco. À volta de um recinto cercado, enlameado a rigor, o público assiste à briosa perseguição de porcos assustados. Ganha o concorrente mais rápido a agarrar os bichos.³ Recoloquemos o olhar na matriz medieval, nas festas dos loucos e na festa do burro. À semelhança do cobrador e do camponês, o eclesiástico eleito entra na igreja às arreguas, montado num burro. Baseado em documentos de 1454 e 1482, Mr. du Tilliot descreve, em livro publicado em 1741, o pandemónio durante e após a celebração do ofício:

Viam-se os Clérigos e os Padres fazer nesta Festa uma mistura horrorosa de folias e impiedades durante o serviço Divino, a que assistiam somente com vestes de Mascarada & de Comédia. Uns estavam mascarados, ou com os roscos manchados que metiam medo, ou que faziam rir, outros com roupa de mulheres ou de pantomimas, tais como nos misters do Teatro. Dançavam no Coro cantando, e cantavam canções obscenas. Os Diáconos e os Sub-diáconos tomavam prazer a comer

morcelas e salsichas no Altar, sob o nariz do Padre oficiante: jogavam sob os seus olhos às Cartas e aos Dados: juntavam ao incenso alguns pedaços de velhas sapatas, para lhe fazer respirar um mau odor. Após a missa, cada um corria, saltava e dançava pela Igreja com tanta impudência, que alguns não tinham vergonha de se entregar a todo o tipo de indecências e de se despojar inteiramente; em seguida faziam-se transportar pelas ruas em carruagens cheias de lixo, que tomavam prazer a atirar à população que se reunia à sua volta" (Mr. du Tillier, 1741, pp.5-6).

"Sabemos que os excrementos desempenharam sempre um grande papel no ritual da "festa dos tolos". No ofício solene celebrado pelo bispo para rir; usava-se na própria igreja excremento em lugar de incenso. Depois do ofício religioso, o clero tomava lugar em charretes carregadas de excrementos; os padres percorriam as ruas e lançavam-nos sobre o povo que os acompanhava (Bakhtin, 1987, p.126).

Durante a Missa do Burro, o ofício e os cânticos eram talhados a preceito. As pessoas cantavam, bramiam e zurravam em devoção ao animal. À semelhança dos Serviços da Tarde, a festa dos loucos começa invertida e acaba escatológica.

A Dança do Cego ganha em ser integrada na série

³ Ver Lama, excrementos e porcos;



Alusão à missa do burro. Livre de Lancelot du Lac. Ms. francês, séc. XIII. Biblioteca da Universidade de Yale, Beinecke MS 229, fol. 104v

dos trabalhos agrícolas dos Serviços da Tarde. Alude, inequivocamente, à adubação. O camponês dispunha o estrume em montículos para o espalhar por todo o campo antes da lavra. Fertilizante, a Dança do Cego não conhece princípio nem fim; é o princípio e o fim; é o recomeço, em adubo líquido. O eterno retorno do estranho sempre

O sapateiro e o cego na lama



próximo. Forasteiros, o cego e o criado ameaçam a ordem local. O rapto e o resgate da mulher do sapateiro exprimem o carácter agonístico da competição sexual e da ordem social. Nos Serviços da tarde, tudo é movimento, metamorfose e vertigem. Território, comunidade, violência e sexualidade, dimensões cardeais da vida humana, borbulham no caldeirão da lama impura. Impuro sobre impuro gera libertação e esperança. Há batismos e batismos! A potência telúrica e a promessa das entranhas abraçam-se, dançam e envolvem nos Serviços da Tarde da festa de São João de Sobrado. De geração em geração, desde tempos imemoriáveis.

Para concluir, um apêndice mais ao jeito literário do que sociológico. O estudo do imaginário requer imaginação. Sem imaginar pouco se descobre e nada se inventa. Interpretar costuma ser um jogo incerto,

O sapateiro e o cego na lama



estimulante na prática e ingrato nos resultados. Os avanços e os recuos resultam de um compromisso entre a dedução a partir daquilo que se sabe e a indução a partir daquilo que se aprende. Quando surge uma intuição, convém acolhê-la, equacioná-la e, eventualmente, explorá-la. Nada se ganha em autocensurar conjecturas em que se apostou, por mais elevado que seja o risco de errar. Infirmadas, corrigidas ou confirmadas, as ideias, mesmo falsas, possuem a virtualidade de abrir caminho ao conhecimento. Contra o desperdício intelectual, sempre que uma intuição nos desarma, avessa a uma promessa de validação, o mais avisado será enveredar pela generosidade e a imprudência de a partilhar. Uma proposta frágil, mas honesta, motivada pela vontade de saber, desde que devidamente exposta à crítica e sem aparato de verdade, não incorre em pecado capital. Talvez venha a beneficiar do interesse e da crítica de alguém que lhe proporcione melhor sorte ou a cubra de ridículo. Assim introduzida, passamos a apresentar uma camada suplementar de leitura semiótica dos Serviços da Tarde, dotada de alguma coerência e sedução, conscientes de que carece de sustentação, mas não proscricão.

Os Serviços da Tarde constituem um fenómeno remoto. A sua prática sedimentou-se, cristalizou-se e aprimorou-se ao longo do tempo, acabando por compor um todo

consistente simbolicamente denso. É verosímil que parte do sentido dos rituais atuais, da linguagem e dos gestos convocados, se tenha perdido nas ruínas da memória. Mas não é por falta da pauta da música que a comunidade deixa de dançar a festa. Em casos como este, deveras padronizados, a abordagem deve aspirar a contemplar o máximo de características, evitando exceções e excrescências avulsas, "folhas soltas", que, sem cimento, não teriam resistido à erosão depuradora do tempo. Um bom modelo é aquele que tende a saturar a realidade observada. Nesta óptica, a narrativa semiótica desenvolvida evidencia falhas. Sobram práticas por significar. Por exemplo, a troca de improperios, palavrões e insultos que irrompem a um dado momento do percurso do camponês. À primeira vista, a explicação é óbvia e imediata: relevam de relações de gracejo com insultos rituais vulgares em eventos de índole camavalesca. O sentido parece dado, mas talvez não o sentido devido: e se, em vez de insultos rituais, estivéssemos perante um ritual de insultos, como durante as execuções de criminosos na Judeia sob o Império Romano ou na Idade Média e séculos seguintes (Huizinga [1919], 2010)? Chegados a este ponto, importa recuperar o baralho e redistribuir as cartas rumo a uma nova jogada semiótica.

Os Serviços da Tarde, invertendo o ciclo das atividades

agrícolas, abrem com uma situação de subjugação e opressão: a cobrança dos direitos. Um mascarado, pressuposto camponês, montado num burro, começa a semear o público, assumindo-se e expondo-se como protagonista principal. Inicia um percurso em descida, orientação típica da topografia grotesca (Gonçalves, 2002), conduzindo, puxados por um burro ou um cavalo, agora a charrua logo a grade, instrumentos de trabalho vitais. Durante a travessia pelas artérias da povoação, num misto ambivalente de subversão e expiação, abraça o destino, enfrentando adversidades, acidentes e insultos. A ação culmina num cenário escatológico, no duplo sentido do vocábulo, em que o protagonista, também mascarado, agora sapateiro, se entrega a encontros e resgates agonísticos num húmus regenerador, telúrico e humano, promissor mais de salvação do que de castigo.

Esta sequência ressoa familiar ao imaginário, cristão ou não. Corresponde a um género de narrativa presente nos mais diversos povos e culturas. Configura uma provação, ver uma odisseia, no caso vertente, a odisseia de um herói popular, porventura uma "epopeia do pobre". Nesta dramatização cabem as misérias e os sucessos do mundo. Sob um registo grotesco, os Serviços da Tarde interpretam, à semelhança do combate entre Bugios e Mouisqueiros, a dinâmica e o destino de uma comunidade.

Uma espécie de "teodiceia profana" (Berger, 1985 [1969]).

Com este desvio, esboça-se uma nova camada de interpretação que não colide com as demais, antes as complementa. As camadas não se excluem, sobrepõem-se. Associar os Serviços da tarde a um esquema universal retira-lhes originalidade?

“Não me digam que não disse nada de novo, a disposição das matérias é nova. Quando se joga à péla um e outro jogam com a mesma bola, mas um coloca-a melhor” (Pascal, 1670).

Parafraseando Pascal, os Serviços da Tarde podem não ser originais no fundo e na forma, mas na disposição e na substância. Até ao presente, não tivemos o privilégio de conhecer evento festivo mais tradicional, genuíno e popular, digno de particular interesse e cuidado.

Referências bibliográficas

- Bakhtin, Mikahil (1987). *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC.
- Balandier, Georges (1999 [1980]). *O Poder em Cena*. Coimbra: Edições Minerva.
- Berger, Peter L. (1985 [1969]). *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, São Paulo: Edições Paulinas.
- Chevalier, Jean & Gheerbant, Alain (1994 [1969]). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Durand, Gilbert (1997 [1960]), *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Paris: P.U.F.
- Durkheim, Émile (1989 [1912]), *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas.
- Girard, René (1972). *La Violence et le Sacré*. Paris: Editions Grasset.
- Goldmann, Lucien (1970). *Structures Mentales et Création Culturelle*. Paris: Ed. Anthropos.
- Gonçalves, Albertino (2002). "O delírio da disformidade: o corpo no imaginário grotesco", *Comunicação e Sociedade* 1-2, pp. 117-130.
- Gonçalves, Albertino (2009). *Vertigens. Para uma sociologia da perversidade*. Coimbra: Grácio Editor.
- Heers, Jacques (1984). *Fête des fous et camavals*. Paris: Fayard.
- Huizinga, Johan (2010 [1919]), *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify.
- Imprensa Nacional (1983 [c. 1538]) *Livro de Horas de D. Manuel*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda.
- Jung, Carl Gustav (2000). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Roques, Mario (1921). *Le Garçon et l'Aveugle. Jeu du XIII^e siècle*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion.
- Maffesoli, Michel (1984). *Essai sur la violence banale et fondatrice*, Paris, Librairie Méridiens/Klincksieck.
- Maffesoli, Michel (1985). *A Sombra de Dionísio - Contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro, Editora Graal.
- Maffesoli, Michel (1988). *Le Temps des Tribus*. Paris: Méridiens-Klincksieck
- Maffesoli, Michel (1998). *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis: Vozes.
- Mr. du Tillier (1741) *Memoires pour servir a l'histoire de la Fête des Foux* Lausanne & Geneve: chez Marc-Michel Bousquet & Compagnie.
- Pascal, Blaise (2019 [1670]) *Pensamentos*. Lisboa: Relógio D' Água.
- Rabelais, François (2006 [1532]), *Pantagruel*. Lisboa: Frenesi.
- Sodré, Muniz & Paiva, Raquel (2002). *O Império do Grotesco*. Mauad.
- Kayser, Wolfgang (1986). *O grotesco: configuração na pintura e na literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva.